

Ciência na Televisão: mito, ritual e espetáculo¹

DENISE DA COSTA OLIVEIRA SIQUEIRA²
(Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Resumo

Este estudo enfoca a veiculação da informação científica e suas representações pela televisão. Em um contexto pós-moderno, enquanto reforçam-se discursos e argumentos científicos, paradoxalmente observa-se a retomada de estruturas como mito e rito. Assim, são feitas considerações sobre os meios de comunicação de massa em um quadro que reforça a divulgação da ciência amparada em espetáculo, mitos e rituais.

Palavras-chave: comunicação, ciência, televisão, mito, ritual.

Resumen

El estudio enfoca la transmisión de la información científica y sus representaciones por la televisión. En un contexto pos-moderno, en cuanto refuerzanse discursos y argumentos científicos, paradójicamente observanse la retomada de estructuras como mito y rito. Así, son hechas consideraciones acerca de los medios de comunicación de masa en un contexto que refuerza la divulgación de la ciencia amparada en espectáculo, mitos y rituales.

Palabras-clave: comunicación, ciencia, televisión, mito, ritual.

Abstract

This study emphasizes the vehiculation of scientific information and its representations by the television. In a post-modern context, while scientific speeches and arguments are strengthen, paradoxally it can be observed the return of structures as myth and ritual. Therefore, considerations about the mass media are done in a context that strengthen the science divulgation based in spectacle, myths and rituals.

Keywords: communication, science, television, myth, ritual.

¹ ORIGINAL RECEBIDO PELO CONSELHO EDITORIAL NO DIA 05/01/1998.

² Vencedora do Prêmio INTERCOM 97, na categoria Mestrado, com o trabalho aqui apresentado, a autora é Doutoranda em Comunicação na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP); Mestre em Ciência da Informação pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ); Especialista em Sociologia Urbana pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Jornalista e Relações Públicas (UERJ); Professora assistente da Faculdade de Comunicação da UERJ; Colaboradora do caderno cultural *Tribuna Bis*, da *Tribuna da Imprensa*, no Rio de Janeiro - RJ.

Introdução

Por sua capacidade de adaptar-se às distintas narrativas, discursos e práticas comunicacionais, os mitos e os rituais são frequentemente empregados pelos meios de comunicação de massa. A eles se recorre para explicar o novo, para aproximar o espectador de uma mensagem. Na televisão, em especial, a programação emprega a narração mítica como forma discursiva. Mas, nesse mesmo meio, além da ficção, são transmitidos programas jornalísticos e neles, matérias e conteúdos abordando temas relacionados com ciência e tecnologia. A partir desta reflexão, formularam-se algumas questões que encaminham a pesquisa: Que tipos de discursos são utilizados na veiculação das informações sobre ciência pela televisão? Que idéia de Ciência um programa de variedades adota? Essa idéia é mitificada e ritualizada?

A investigação sobre as representações da ciência veiculadas pela televisão foi realizada a partir de matérias transmitidas pelo programa *Fantástico*, da Rede Globo, uma telerrevista de variedades, tipo de programa que tem em sua proposta a mistura de jornalismo com espetáculo. Líder de audiência no horário nobre da noite de domingo, o programa leva suas interpretações de ciência a um público muito maior que os programas específicos de divulgação científica.

Em tese, o gênero das telerrevistas não seria adequado para análise de dados científicos. Todavia, além de atingir um público de grandes proporções, o *Fantástico* é um fenômeno em termos de anos que se mantém no ar. Sua escolha como objeto empírico da pesquisa se justifica ainda por ter sido um dos primeiros programas produzidos pela televisão brasileira a divulgar ciência, ainda na década de 70.

Metodologia e descrição da pesquisa

A pesquisa realizada tem cunho qualitativo, exploratório e interdisciplinar, fundamentando-se em Comunicação, Ciência da Informação e em um suporte sócio-antropológico. Para análise do objeto de estudo foram gravados dez programas *Fantástico* por amostragem, de abril a dezembro de 1995, em um total de cerca de 22 horas e 30 minutos de gravação. A amostra composta - que constitui 20% dos programas veiculados durante um ano - permitiu fazer um diagnóstico do que foi oferecido aos espectadores e construir uma visão das opções informativas veiculadas a médio prazo.

Foram selecionadas e transcritas as matérias que continham elementos relativos à ciência e tecnologia. Seguiu-se a análise em duas abordagens: do material transcrito (os textos) e das imagens referentes àqueles textos. Programas anteriormente gravados (um piloto de maio a novembro de 1994, sem sequência) serviram como apoio a eventuais dúvidas. Esta etapa permitiu observar aspectos que se mostraram recorrentes e que permitiram organizar o material coletado em categorias: misticismo, saúde, novidades,

ecologia e evolução. Outras duas categorias, menos recorrentes, mas consideradas relevantes, também foram acrescentadas à análise: engajamento e serviço.

A ciência pela televisão: discursos e imagens

O estudo do *Fantástico* implicou na análise dos campos das imagens e dos discursos. Torna-se relevante colocar que esses territórios se completam, mas mantêm características distintas, e que tanto as falas quanto as imagens estão inseridas em um contexto: no programa, no meio de comunicação, na sociedade. Como colocou Bakhtin, "estudar o discurso em si mesmo, ignorar a sua orientação externa, é algo tão absurdo como estudar o sofrimento psíquico fora da realidade a que está dirigido e pela qual ele é determinado" (Bakhtin, 1993, p.99)

Buscando a orientação externa a qual referiu-se Bakhtin, consideraram-se as noções de sociedade da informação e de pós-modernidade. Na pós-modernidade, com a valorização da ciência pelos meios de comunicação, o discurso científico, seus argumentos e justificativas são empregados largamente para explicar os mais diversos fenômenos. Os meios de comunicação de massa, em sua tentativa de explicar o mundo, também recorrem a esse expediente, mesclando conteúdos de ciência a espetáculo. Na televisão, essa estratégia - que visa a aglutinar a múltipla audiência - atingiu os diversos formatos de programa, inclusive os telejornalísticos.

A influência do formato do meio na mensagem veiculada mostra que mais do que assumir o papel de um mediador, a televisão interfere na informação recebida de cientistas e transmitida ao público. O paradoxo que se estabelece, então, é: a mediação dos meios de massa promove a aproximação do grande público com a ciência, todavia, o faz adotando o formato de espetáculo, diminuindo a credibilidade do conhecimento divulgado.

Ao pensar a ciência como um aspecto cultural, e refletir sobre os programas telejornalísticos, entende-se que a tarefa das matérias veiculadas, desses fragmentos discursivos, talvez seja familiarizar, ou como coloca Bourdieu, criar "habitus"³, que "auxiliem" o indivíduo a se aproximar, e em última instância, usar e consumir novas tecnologias e produtos.

O espectador, nesse contexto, não é considerado um possível produtor de mensagens. No entanto, a audiência não absorve ou adota todas as mensagens veiculadas. Isso acontece porque o processo de comunicação é "uma articulação de práticas de significação num campo de forças sociais" (Lopes, 1993, p.81). Assim, a construção do receptor se dá através dos múltiplos discursos, das múltiplas vozes a que ele se expõe e é exposto

³ *Habitus*, conceito recuperado por Bourdieu em análises sobre a cultura, a sociedade e a escola: uma categoria capaz de operar a intermediação estrutura e ator social.

socialmente. E o discurso contemporâneo da televisão se constitui numa complexa cadeia polifônica, entrecruzada pelos sentidos enunciados por várias vozes.

Mito e televisão

Exercitando sua capacidade de absorver elementos da cultura e reorganizá-los segundo seus critérios, a indústria cultural reproduz mitos, rituais, simbolismos e hierarquias e ocupa parte da comunicação interpessoal. A televisão, em particular, veicula uma programação com aspecto ritualizado e espetacularizado, a fim de atrair uma audiência heterogênea. Isso ocorre porque os mitos contam histórias constantemente recontextualizadas, unindo senso comum, ciência, filosofia, literatura e imaginário social.

A repetição dos procedimentos de veiculação, uma das características da televisão, faz analogia aos rituais. E, conforme Lévi-Strauss, mito e ritual completam-se (1991, p.250). Essa complementaridade pode ser observada em vários espaços da programação televisiva: o fato mesmo de haver uma programação que obedece a horários de início e término e que inclui um esquema de blocos e intervalos já evoca o ritual.

Símbolos, mitos e rituais - figuras fundamentais na indústria cultural - são elementos que se perpetuam de geração para geração. Sua revivescência em contextos urbanos pós-modernos diz respeito à necessidade de "estar junto", de "compartilhar", característica do fenômeno que Maffesoli (1995) chama de "reencantamento do mundo". Sua aplicação quando da veiculação de ciência pela televisão visa a integrar em um conhecimento especializado, familiar apenas a grupos de especialistas. Assim, a ciência é trazida para o plano do conhecimento comum, virtualmente partilhado por todos os membros da sociedade, instaurando o contato entre o estranho e o já conhecido, aproximando a esfera da racionalidade (ciência) da esfera do simbólico (mito).

Na acepção de Lévi-Strauss, mito é uma narrativa composta de várias versões, um conjunto incompleto, porque sempre aberto (1991, p.241). A televisão renova essas versões recontextualizando-as, criando uma expectativa da qual o público já sabe de antemão qual será o desfecho.

Mas, se o mito pode consolar, também tem a capacidade de ludibriar. Barthes mostra o mito como uma fala aparentemente despolitizada, mas que carrega um conteúdo ideológico. Conforme o autor,

"A função do mito é transformar uma intenção histórica em natureza, uma contingência em eternidade. Ora, este é o próprio processo da ideologia burguesa. Se a nossa sociedade é objetivamente o campo privilegiado das significações míticas, é porque o mito é formalmente o instrumento mais apropriado para a inversão ideológica" (1980, p.162).

Uma breve etnografia do *Fantástico*

O interesse dos meios de comunicação de massa pela ciência fica evidente na televisão pela variedade de gêneros de programas que veiculam informações sobre o tema. Desenhos animados, filmes de ficção científica feitos para cinema e noticiários constituem alguns desses gêneros. Contudo, em nenhum deles a televisão produz as informações sobre ciência e tecnologia que transmite. Os veículos selecionam, filtram, organizam e distribuem informações geradas nos centros de produção - universidades e instituições de pesquisa. Neste processo, a informação passa por reiteradas formatações antes de ser transmitida para o público. Esse recontextualizar demonstra que, além de uma necessidade técnica inerente ao meio, há um controle simbólico⁴ sobre o que é veiculado.

Então, o que se apreende dessa observação geral da programação é que o discurso sobre ciência aparece distanciado da realidade imediata do espectador e esvaziado. Mas, em contrapartida, promove o entretenimento, a sensação de que há profissionais no mundo preocupados em criar formas de conforto para todos: os cientistas.

A quantidade de programas tratando de ciência não significa que o saber científico seja "popularizado" através da programação. O lugar específico para a socialização da ciência através da televisão são os programas de jornalismo científico. Os demais, é importante ressaltar, divulgam representações, com seus possíveis equívocos e exageros. São lugares-comuns e ajudam, sim, a construir o mito da ciência.

No âmbito da programação jornalística televisiva destacam-se as telerrevistas de variedades: programas que apresentam números de *show*, circo, música e reportagens. Esses programas têm como característica principal a mescla de tipos de informação transmitida. Falam-se de temas místicos, de arte, ciência, comportamento, moda, política e economia.

As telerrevistas de variedades geralmente vão ao ar nos finais de semana, o que é extremamente simbólico: pode-se pensar o final de semana por oposição aos outros dias da semana. Dessa forma, uma emissora constrói sua simbologia marcando o tempo e o espaço, de modo a criar um reconhecimento entre o espectador e programa. Conforme coloca Gleiser, nos dias em que a maior parte das pessoas não sai para trabalhar, as telerrevistas oferecem entretenimento e notícia, mas de um modo mais descontraído do que os jornais dos dias úteis (1983, p.58). Esteticamente, isso fica claro nos cenários mais coloridos, menos formais. Os cenários de telejornais, por exemplo, são mais sóbrios, com pouco uso do colorido - o que visa a dar credibilidade e seriedade às notícias.

O *Fantástico* tem um ambiente semelhante ao dos telejornais: locutores/ jornalistas sentados ou de pé junto a uma bancada, apresentam as notícias. O cenário remete a representações de tecnologia, empregando

⁴ Controle relacionado com poder, com política. Como coloca Bourdieu, em *O poder simbólico*.

imagens computadorizadas. O próprio nome deixa entrever: o *Fantástico* busca o *fait-divers*, qual seja, o elemento curioso, inusitado da notícia, o que implica em divulgar informações sobre ciência e tecnologia sem preocupação com o rigor científico.

Entre trechos de partidas de futebol e números musicais e circenses, a ciência tem espaço reservado no programa. Mesmo não estando preocupado com a *divulgação* da ciência, o *Fantástico* a transmite há décadas. De acordo com Pretto, é através dele, na década de 70, que a divulgação científica começa a ganhar espaço na televisão brasileira. À época eram transmitidas matérias de cunho sensacional produzidas por correspondentes, tratando principalmente da ciência nos Estados Unidos (1993, p.94)

A partir da observação pôde-se verificar que o programa apresenta informações de três formas básicas: reportagens (com depoimentos de especialistas e de pessoas anônimas); notas informativas (curtas, em geral material de agência de notícias ou de correspondentes) e dicas de serviço (sobre saúde, defesa do consumidor). Além desses, há quadros que mudam a cada ano: quadros de humor, de mágica, de circo, de crônica política e de misticismo. A ciência se encontra difundida tanto em notas e em dicas, quanto em reportagens.

Um aspecto a ser destacado é o da apresentação: o tom de voz dos locutores empregado na leitura da "cabeça" (introdução lida pelo apresentador antes da matéria entrar no ar) já indica qual será a abordagem. Às vezes, o tom é de espanto e descrédito, e as feições do rosto indicam o que se deve esperar da matéria. Isso acontece em especial quando a matéria é sobre invenções "sensacionais" como a "mochila voadora", um novo meio de transporte individual (programa de 15/05/1994).

Mesmo sofrendo renovações, determinados procedimentos se repetem a cada programa. O *Fantástico* "muda" na aparência, mas mantém a mesma estrutura. O telespectador se acostuma a identificar o que virá depois desses procedimentos. Por exemplo, o "Boa noite. Até a próxima semana" dito pelos apresentadores do *Fantástico*, assemelha-se à despedida antes do dormir, criando laços de convivência e de hábito.

A ciência como mito e ritual: análise da amostra

A "ciência", no *Fantástico*, é utilizada como argumento para temas que vão desde disputas judiciais, passando por histórias policiais e místicas, até a apresentação de produtos exóticos ou remédios para doenças antes consideradas incuráveis. A seguir, são apresentados algumas das representações da ciência adotadas no *Fantástico*. Como recurso metodológico para tornar mais clara a análise, as matérias foram divididas de acordo com as categorias mais recorrentes. São elas: misticismo por oposição a conhecimento/razão/saber; saúde por oposição a doença/morte; novidades por oposição a tradição/rotina; ecologia por oposição a poluição/destruição do meio ambiente; evolução por oposição a involução/regressão;

serviço por oposição a desinformação e engajamento por oposição a indiferença política.

Um dos casos de representação da ciência enquadrada na categoria misticismo foi ao ar no programa de 18/06/1995, referindo-se ao sobrenatural, a partir do momento em que a ciência não consegue explicar um problema colocado. O apresentador leu: "Mais um mistério envolve a Amazônia. O que está por trás da destruição de gigantescas áreas da floresta?". Uma apresentadora continua: "Depois de anos de investigação, os cientistas já descobriram de quem é a culpa". O interessante aqui é que justamente o *Fantástico* vai ajudar a desvendar o "mistério". O repórter diz:

"Parece coisa do outro mundo. No meio da maior floresta tropical do planeta, longe da presença do homem, de repente, um gigantesco desmatamento. (...) Durante vários anos, os olhos biônicos dos satélites registraram esses desmatamentos sem identificar suas causas. Até que cientistas do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, o INPA, decidiram investigar. As condições meteorológicas e o mal tempo nas áreas durante o surgimento de novos desmatamentos misteriosos, levaram os cientistas a uma conclusão assustadora: as árvores são derrubadas por explosões, violentas explosões de vento."

Note-se o cunho detetivesco da matéria, que retomando a concepção de pós-modernidade de Fredric Jameson, leva a pensar sobre um pastiche de investigação. Para acabar com o mistério, o repórter recorre a um botânico que dá seu depoimento explicativo: "Este fenômeno de explosão pelo vento é chamado de microexplosão. É um vento convectivo, violento, associado sempre com nuvens enormes, de mau tempo". O repórter continua apresentando o fenômeno, enquanto imagens de animação computadorizada representam o que diz:

"A origem do fenômeno ainda é um mistério para a ciência. Os cientistas do INPA sabem apenas que imensas massas de ar frio, misturado com partículas de água se formam a dois ou três quilômetros de altura, bem em cima da floresta. Por causa do peso, a massa de ar começa a descer em alta velocidade. Quando encontra o ar quente a cerca de 300m da superfície, a massa de ar seco explode, e se espatifa contra o chão.

As fotos dos satélites mostram que *a bomba* chega a espalhar estilhaços de vento, que provocam corredores de árvores derrubadas de até 1 km de comprimento e 100m de largura."

O botânico fez referência a explosões de ar, mas não citou bombas. O repórter exagera e provoca medo ao se referir a bomba. A impressão que começa a ser levada ao espectador é que a "bomba" pode explodir sobre ele, a qualquer momento, sem previsão. É a vez de novo depoimento do botânico - que contrasta novamente com o tom adotado pelo jornalista:

“Os índios e os caboclos da região conhecem o fenômeno das derrubadas pelo vento há muito tempo, inclusive denominam de ‘roças do vento’”.

Em uma visita a uma área devastada na Amazônia, o repórter é acompanhado por um geólogo. Esse outro especialista declara - muito provavelmente em resposta ao jornalista, que tenta aproximar aquela realidade do espectador:

“Certamente, se uma explosão de ar dessas ocorresse em uma cidade, em uma área habitada, o efeito seria catastrófico. As chances estatísticas disso ocorrer, em uma área urbana, são muito pequenas, da ordem de 1 para 3.000 ou mais.”

Enquanto essa matéria desliza entre as fronteiras do religioso e do científico, em outras, o programa estudado faz uso mais explícito da adoção do mito da ciência. Isso se explica pelo constante “tornar científico” de coisas e fenômenos, com o objetivo de legitimar o discurso. O conjunto a seguir foi classificado no tema “saúde”, um dos mais recorrentes nos programas analisados. A grande quantidade de matérias sobre saúde/doença, mostra uma preocupação com a conservação da juventude, da boa forma, da estética agradável.

Em 14/05/1995, nas “Últimas notícias internacionais” antes da fala dos correspondentes de Londres e Nova York, a apresentadora leu: “O vírus assassino que ataca no Zaire é o destaque nos telejornais de agora à noite nos Estados Unidos e na Europa”. Os três discursos - do editor, lido pela apresentadora, e os dos dois correspondentes - provocam o medo, jogam com o elemento terror, sobre o qual escreveu *Ciro Marcondes Filho*⁵. É interessante observar que tanto a bactéria da fascite necrosante (bastante divulgada pelo programa em 1994) quanto o vírus Ebola (da fala acima) são rapidamente classificados: a “bactéria assassina” e o “vírus da morte”.

A comparação de programas de 1994, 1995 e de 1996, permite verificar uma certa constância em pelo menos um aspecto nas matérias com temas relativos à ciência: a prevalência da emoção do espetáculo sobre a razão da ciência. Isso se expressa, por exemplo, em termos de matérias sobre epidemias em escala internacional. Se em meados do primeiro semestre de 1994 o noticiário mostrou o mundo apavorado com a “bactéria assassina”, no mesmo período de 1995 apresentou-o aterrorizado com o “vírus da morte”. Já em 1996, mais uma vez no mesmo período do ano, outro mal tomou o noticiário: a encefalopatia espongiforme bovina, logo divulgada como a “doença da vaca louca”.

Além da relação com misticismo e com saúde, as matérias apresentadas no *Fantástico* também apareceram sob a categoria de novidade. Sob a rubrica de “Novidade”, o programa mostra produtos que ao espectador leigo em ciência, provavelmente causam estranhamento. Essa categoria exemplifica a lógica adotada pela indústria cultural ao apresentar

⁵ Em *O capital da notícia*.

continuamente o que é “novo”. Conforme Alfredo Bosi, “*ciclo e enraizamento* são processos que faltam, em geral, à indústria e ao comércio cultural. Os meios de comunicação nutrem-se da aparência do novo, que é pura serialidade” (s/d, p.11).

Em 9/07/1995, sob a rubrica “Novidade”, foi apresentado um produto. As imagens exibiam cientistas sorridentes, enquanto o apresentador dizia:

“O chocolate flexível. A descoberta desse tipo de chocolate foi feita pelo departamento de engenharia da universidade de Cambridge, na Inglaterra; uma das mais importantes da Europa. Os cientistas descobriram que quando submetido a pressões extremas o chocolate comum fica tão flexível quanto a borracha, ainda não se sabe porque. (...) Um dos cientistas envolvidos na pesquisa, diz que chocolate não é tão simples quanto parece, é um material complicado. Que ninguém pense que descobrir as propriedades elásticas do chocolate seja perder tempo. Pouca gente sabe, mas as moléculas do chocolate têm propriedades semelhantes às do sangue. Desta forma, o chocolate elástico pode ajudar a desvendar mistérios do corpo humano.”

Ao contrário de outras “novidades”, essa traz consigo uma justificativa de uso. Esse uso justifica a veiculação - isso é necessário para que a “atração” tenha credibilidade. Por outro lado, o produto mostrado carrega consigo alto grau de espetáculo. Afinal de contas, o chocolate é um alimento conhecido do público. Seu novo uso é inusitado. Esse é, então, um típico exemplo de ciência como *fait-divers*, ressaltado pelas expressões de brincadeira dos pesquisadores.

A terceira categoria adotada no estudo devido a sua recorrência, foi a de ecologia. Tema em voga, ecologia vende (filmes, camisetas, bonés, livros, cadernos de papel reciclado), elege políticos e atrai a atenção de espectadores. Na amostra estudada do *Fantástico*, poucas matérias tratavam do tema. Mas dos anos em que se estudou o programa, pode-se dizer que a grande parte das matérias sobre ecologia se refere a animais, por exemplo, tubarões e baleias.

Nessas matérias o tratamento adotado em relação à natureza é “moral”: é bom e necessário preservar, é mau, destruir. Não há explicações, porque o mito está se consolidando. Um exemplo foi veiculado no programa de 06/08/1995. No quadro *Últimas notícias* foi ao ar uma nota que dizia respeito a uma questão de desequilíbrio do meio ambiente. A matéria provavelmente foi enviada por uma agência de notícias internacional, já que não fazia referência a repórter ou cinegrafista. Extremamente curta, a nota dizia: “Uma cidade inglesa invadida por joaninhas. Os cientistas garantem que os moradores não correm risco nenhum e que os pequenos animais são excelentes para combater as pragas dos jardins”. Enquanto a apresentadora lia, foram mostradas imagens de moradores se esforçando para espantar os insetos em posições que em outros contextos seriam cômicas - outro exemplo típico de um *fait divers*.

Uma classificação pode pecar por tentar enquadrar o objeto de estudo em alguns rótulos. Esse pode ser o caso do item "evolução". As matérias que nele se incluíram não se encaixaram nas divisões feitas anteriormente mas, de algum modo remetem à idéia darwinista de que os animais e os homens estão em estágios diferentes de evolução ou descendem de uma mesma matriz genética.

No programa do dia 30/07/1995, uma nota remetia nitidamente aos problemas das origens do homem e dos animais: "A ciência nas imagens da semana: pesquisadores sul-africanos garantem ter descoberto o elo perdido entre o homem e o macaco. Eles encontraram um esqueleto que teria calcanhar humano e pés de macaco". Foram mostradas imagens de arqueólogos em uma caverna e depois de ossos em um laboratório.

Da forma como a nota foi enunciada há que se fazer um esforço para dar crédito ao que foi dito. O "elo perdido" - como na ficção científica ou na mitologia, um ser com características de homem e de animal - é algo que só pode ser qualificado de "fantástico". Assim, ou a nota gera descrença - porque não explica os conteúdos que veicula, ou gera espetáculo somente. A nota não explica, por exemplo, que não há possibilidade de o homem descender do macaco, mas que já é sabido que podem ter tido um ancestral comum. Isso não é dito, mas é relevante. A informação transmitida da forma como foi, dá margem à fantasia, à ficção e não ao plausível.

Outro tipo de uso dado à ciência e tecnologia no *Fantástico* é o de serviço de utilidade pública. No final de 1995, foi inaugurado um quadro que deveria ir ao ar quinzenalmente. Dentro desse quadro, no programa de 26/11/1995, um dos apresentadores anunciou: "Um teste em defesa do consumidor: será que os bocalis de lâmpada passam no teste de qualidade do *Fantástico*?" Em conjunto com o Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor e com apoio do Instituto de Eletrotécnica da USP, foram testados bocalis e mostradas as marcas apropriadas para consumo. Em outro programa, o de 10/12/1995, foram feitos testes com brinquedos e também foram apontadas as marcas apropriadas e as não adequadas para consumo. Mas, o curioso é que o teste de qualidade é enfatizado como sendo do *Fantástico*.

Dentre todos os programas analisados, apenas um se referiu à ciência como politicamente engajada. Mesmo assim, em uma nota curta - o que na amostra é inexpressivo quantitativa e qualitativamente. Em 10/12/1995, no quadro "Últimas notícias", foi noticiado: "O físico I.H. recebe o prêmio Nobel da paz e pede aos cientistas de todo o mundo que se recusem a participar de programas de armas nucleares". As imagens transmitidas eram de cerimônia formal, em um auditório cheio.

Nada mais foi falado sobre quem seria aquele cientista e sua área de pesquisa e nada foi dito sobre os danos que a radiação pode causar à saúde e ao meio ambiente. Também não foram mencionadas as usinas em mal estado de conservação que se espalham pelo mundo e podem provocar acidentes, ou que o Brasil paga caro por uma tecnologia importada que causa mais males que benefícios. Essa nota, portanto, prima pela omissão. Nela não há espetáculo, não há exploração do curioso - há omissão de informações.

Considerações Finais

O objetivo deste trabalho exploratório foi levantar questões acerca do olhar da televisão sobre a ciência. Pensar criticamente as representações da ciência implica, além do estudo do contexto social e cultural, pensar a informação científica - que é a forma de circulação da ciência - considerando os possíveis interesses que estimulam sua divulgação.

O estudo possibilitou verificar que não há *um* discurso sobre ciência veiculado na programação televisiva. Existe, ao contrário, um processo polifônico de construção de discursos que se completa com as vozes de desenhos animados, seriados, filmes, telejornais, telerrevistas e programas de jornalismo científico. Essas vozes se opõem, se chocam e levam o espectador a classificá-las, selecioná-las e filtrá-las. O receptor constitui-se, dessa forma, como fruto de uma permanente construção discursiva. Assim, quando assiste a um programa não o faz isoladamente de um todo que o define e o distingue como sujeito social, imerso em uma cultura e participante de outros processos e interações (Orozco Gomez, 1991, p.9).

A postura do programa *Fantástico*, exemplo analisado, é não adotar explicitamente um enfoque político do exercício da ciência. Essa aparente "despreocupação" estende-se a todos os assuntos tratados, inclusive ciência. Assim, a idéia que o programa transmite é de um saber desenvolvido em prol de toda humanidade. E confirmando a hipótese inicial, é uma idéia que trabalha a partir de mitos e rituais.

A contradição que se apresenta é que a ciência busca a objetividade, mas, sua veiculação pela TV recorre a mitos e ritos - que são de ordem simbólica. Mas, o mito da ciência não é uma narrativa linear, com início, meio e fim. Ele é construído por fragmentos que são estão presentes em cada matéria ou nota que vai ao ar. O mito é esse rearranjar constante.

No entanto, o mito da ciência também tem a ver com a concepção de "desencantamento do mundo", que pretendia, através do primado da razão, solucionar os problemas da humanidade. A razão, a ciência, o esclarecimento através das informações realmente, em certo sentido, podem levar os indivíduos para uma vida "melhor". Porém, hoje, na virada do século, às vésperas do novo milênio, nem todos têm acesso à ciência e aos benefícios que ela promete. Além disso, uma vida "melhor" não pode ser buscada apenas no plano da razão. Outras formas de interpretação do mundo e outras esferas do conhecimento como a espiritual, a artística, a das sensibilidades individuais, também têm que ser abordadas, pois oferecem resultados eficazes do ponto de vista simbólico.

Assim, pode-se concluir que desenvolver projetos científicos, fazer experiências ou aprofundar idéias e noções é tarefa que exige reflexão e demanda tempo e preparação, mas que aos meios de comunicação esse processo não é interessante. Provocam interesse, sim, os resultados, os produtos derivados da pesquisa. O que é destacado é o valor de espetáculo que o produto possa oferecer, a capacidade que tenha de promover contemplação. Por isso, a animação computadorizada, o predomínio de

imagens, o pouco conteúdo informativo, a informação superficial. A ênfase recai sobre o significativo (o dado sensível, perceptível), cujo significado é esvaziado, pois é tornado efêmero e substituível por infinitos signos que a indústria cultural possa produzir.

O repertório social no qual o pesquisador está mergulhado - e que influencia o seu discurso sobre ciência - não entra na pauta. Na esfera da produção televisiva tudo é feito para que as mensagens percam seu aspecto político e crítico e para que seja reforçada a necessidade de se assistir à programação. Nesse sentido, a trajetória percorrida durante a produção do conhecimento é relegada a segundo plano. A ênfase - fruto dos critérios pós-industriais - é dada à apresentação dos resultados, dos produtos que, um dia, talvez, possam ser consumidos.

Na realidade, assim se afasta a ênfase na consciência social e na atuação ativa que o público poderia desenvolver. Por outro lado, pesquisador e espectador não aparecem como sujeitos de uma prática informacional mediada pela presença do repórter e do meio televisivo.

Bibliografia

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 3.ed. São Paulo: Unesp, Hucitec, 1993.

BARTHES, Roland. *Mitologias*. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.

BOSI, Alfredo. Plural, mas não caótico. In: BOSI, Alfredo (org). *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo: Brasiliense, s.d.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (org). *Bourdieu - Sociologia*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994. p. 122-155. (Col. Grandes Cientistas Sociais).

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

GLEISER, Luiz. *Além da notícia: o jornal nacional e a televisão brasileira*. Rio de Janeiro, 1983. Dissertação (Mestrado em Comunicação - ECO/UFRJ).

HABERMAS, Jürgen. *Conhecimento e interesse*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

JAMESON, F. O pós-modernismo e a sociedade de consumo. In: KAPLAN, A. *O mal-estar no pós-modernismo: teorias e práticas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

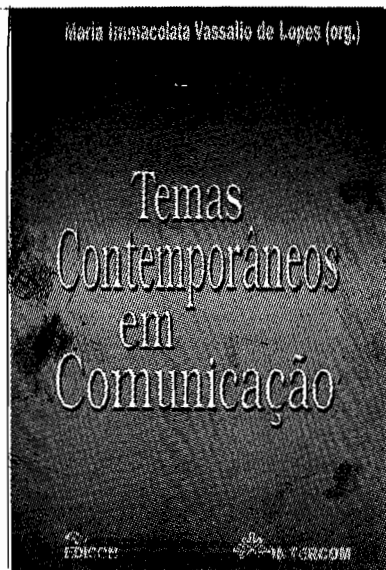
LÉVI-STRAUSS, Claude. *Minhas palavras*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. Aula inaugural. In: ZALUAR, Alba (org). *Desvendando máscaras sociais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980. p. 211-222.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. Estratégias metodológicas da pesquisa de recepção. *INTERCOM - Revista Brasileira de Comunicação*, São Paulo: v. 26, n. 2, p. 78-86, jul./dez. 1993.

MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

- OROZCO GOMEZ, Guillermo. *Hacia una articulación pedagógica de las mediaciones en el proceso comunicativo*. Santiago, 1991. Mimeo.
- PRETTO, Nelson. A ciência nos meios de comunicação. *Intercom - Revista Brasileira de Comunicação*, São Paulo, v. 26, n.2, p.87-105, jul./dez. 1993.
- SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. *A ciência na televisão: mito, ritual e espetáculo*. Rio de Janeiro, 1996. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação - ECO/UFRJ - IBICT/CNPq).

Você sabe o que existe em comum entre Brasil e a Dinamarca?



A distância e o desconhecimento do que se produz em Comunicação no Brasil e na Dinamarca agora podem ser superados. *Temas Contemporâneos em Comunicação* contém os resultados do I Colóquio Brasil-Dinamarca, realizado pela Intercom, nos dias 2 e 3 de setembro de 1996, em Londrina, PR, para propiciar o conhecimento e o intercâmbio da produção científica e, na comunidade, empreender formas permanentes de cooperação em projetos comuns.

Pesquisadores brasileiros e dinamarqueses traduzem as expressões mais atualizadas do pensamento europeu e latino-americano acerca de temas e áreas que ocupam o

centro do campo da Comunicação, como metodologia da pesquisa, comunicação internacional, novas tecnologias, comunicação e educação, estudos culturais na comunicação, estudos de recepção.

Uma obra que acaba revelando muito do que existe em comum na pesquisa de Comunicação de dois países agora mais próximos: Brasil e Dinamarca.

Preço por exemplar: R\$ 20,00

Preencha já o cupom de pedido que se encontra no final da revista e envie acompanhado de cheque nominal para:

Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação

Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443 - Bloco B9 - Sala 2 - CEP 05508-900 - São Paulo - SP